

## Nível de atividade

**Tabela 1.1 – Índice de volume de vendas**

Discriminação	Variação percentual			
	2010			
	Jul	Ago	Set	Out
<b>No mês<sup>1/</sup></b>				
Comércio varejista	0,9	1,7	0,3	0,4
Combustíveis e lubrificantes	0,0	1,5	1,0	-0,2
Hiper, supermercados	0,1	1,2	-0,1	-0,2
Tecidos, vestuário e calçados	1,0	2,1	0,1	1,4
Móveis e eletrodomésticos	-0,2	3,4	1,5	2,3
Artigos farmacêuticos, médicos	2,6	2,6	-0,4	1,7
Livros, jornais, revistas e papelaria	4,3	3,8	-0,4	4,7
Equipamentos e materiais para escritório	-4,6	1,8	8,0	-10,0
Outros artigos de uso pessoal	1,1	0,2	2,6	-2,0
Comércio ampliado	2,0	2,4	0,2	2,1
Materiais de construção	1,1	1,8	-0,4	0,0
Automóveis e motocicletas	3,8	3,9	1,5	6,8
<b>Trimestre/trimestre anterior<sup>1/</sup></b>				
Comércio varejista	1,1	2,3	3,4	3,0
Combustíveis e lubrificantes	1,0	0,2	1,2	1,7
Hiper, supermercados	1,3	2,4	2,2	1,6
Tecidos, vestuário e calçados	-0,1	1,1	2,1	3,8
Móveis e eletrodomésticos	-0,1	1,3	2,8	5,2
Artigos farmacêuticos, médicos	0,7	2,0	3,8	4,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	1,9	3,2	6,0	7,4
Equipamentos e materiais para escritório	2,4	1,1	2,3	1,9
Outros artigos de uso pessoal	4,1	6,1	5,3	3,9
Comércio ampliado	-1,4	0,4	4,6	4,9
Materiais de construção	1,8	1,0	1,9	1,8
Automóveis e motocicletas	-6,2	-2,6	7,8	10,2
<b>No ano</b>				
Comércio varejista	11,4	11,3	11,4	11,1
Combustíveis e lubrificantes	5,9	6,3	6,8	6,6
Hiper, supermercados	10,5	10,1	10,0	9,6
Tecidos, vestuário e calçados	10,5	10,9	11,1	10,9
Móveis e eletrodomésticos	19,3	18,9	18,4	18,1
Artigos farmacêuticos, médicos	11,6	11,7	11,7	11,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	8,0	8,6	8,8	9,4
Equipamentos e materiais para escritório	24,8	24,8	25,8	24,4
Outros artigos de uso pessoal	7,0	7,6	8,5	8,7
Comércio ampliado	11,9	12,2	11,4	11,4
Materiais de construção	15,8	16,4	16,5	15,6
Automóveis e motocicletas	12,1	13,1	10,7	11,3

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

A evolução do Produto Interno Bruto (PIB) no terceiro trimestre do ano e os resultados recentes da atividade industrial confirmam a avaliação do Banco Central, expressa no último Relatório de Inflação, de que as taxas de crescimento se deslocam para níveis tidos como sustentáveis. Vale ressaltar que, embora mantendo-se em nível elevado, esses indicadores passaram a apresentar, a partir de abril, variações interanuais positivas menos acentuadas e relativa estabilidade quando considerada a análise na margem.

Observa-se, entretanto, continuidade no ritmo de crescimento das vendas do comércio, impulsionadas pelo nível de confiança dos consumidores, pelo desempenho do mercado de trabalho e pela ampliação do crédito, enfatizando-se a relevância do comércio externo como elemento de ajuste entre oferta e demanda agregadas. Ainda no âmbito interno, ressalte-se que os gastos com investimento continuam a apresentar taxas de crescimento robustas.

### 1.1 Comércio

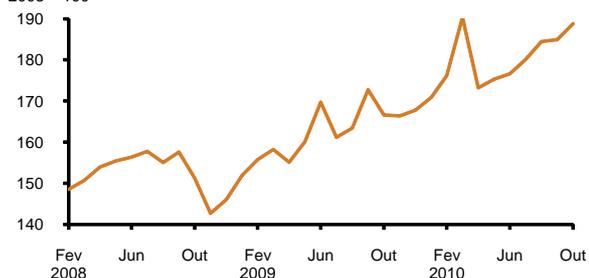
As vendas no comércio ampliado cresceram 4,9% no trimestre encerrado em outubro, em relação ao finalizado em julho, quando haviam recuado 1,4%, nesse tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ocorreram aumentos nas vendas em todos os dez segmentos pesquisados, com ênfase nos relativos a automóveis, motocicletas, partes e peças, 10,2%; livros, jornais, revistas e papelaria, 7,4%; e móveis e eletrodomésticos, 5,2%.

As vendas do comércio varejista, conceito que não contempla os segmentos veículos, motos, partes e peças, e material de construção, aumentaram 3% no trimestre, registrando-se resultados positivos em todas as regiões do país, destacando-se a expansão de 5,4% observada no Norte.

**Gráfico 1.1 – Índice de volume de vendas no varejo – Conceito ampliado**

Dados dessazonalizados

2003 = 100

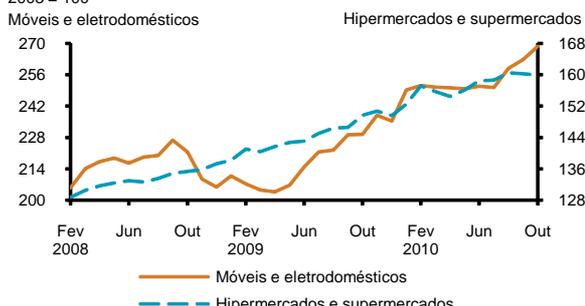


Fonte: IBGE

**Gráfico 1.2 – Índice de volume de vendas no varejo – Segmentos selecionados**

Dados dessazonalizados

2003 = 100

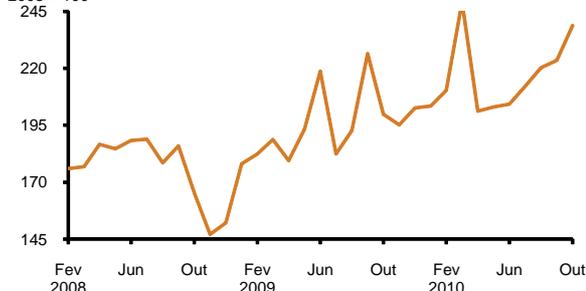


Fonte: IBGE

**Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas (veículos, motos, partes e peças)**

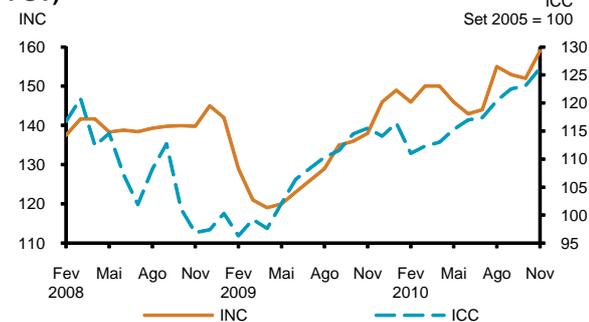
Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Gráfico 1.4 – Índice Nacional de Confiança (INC – ACSP) e Índice de Confiança do Consumidor (ICC – FGV)**



Fontes: ACSP e FGV

Estatísticas mais recentes sugerem continuidade da expansão das vendas neste final de ano. Nesse sentido, considerados dados dessazonalizados, as vendas reais do setor supermercadista, segmento com peso aproximado de 32% na PMC do IBGE, aumentaram 1,7% no trimestre finalizado em outubro, em relação ao encerrado em julho, de acordo com a Associação Brasileira de Supermercados (Abras). Adicionalmente, o índice Serasa Experian de Atividade do Comércio, de abrangência nacional, construído a partir de consultas mensais realizadas pelos estabelecimentos comerciais, cresceu 1,6% na mesma base de comparação, enquanto as vendas de automóveis e comerciais leves, divulgadas pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), elevaram-se em 8,8%, no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto.

A relação entre o número de cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados atingiu 5,6% em outubro, mesmo percentual de julho, ante 6,4% em igual período de 2009. Na mesma linha, a inadimplência no estado de São Paulo, mensurada pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 4,2% em novembro, ante 5,8% em agosto e 4,2% em igual mês de 2009.

O Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor, que incorpora anotações negativas junto a financeiras, cartões de crédito, empresas não financeiras, bancos, títulos protestados e segunda devolução de cheques devolvidos por insuficiência de fundos, registrou, em outubro, aumentos de 1,8% em relação ao mês anterior e de 16,9% em doze meses. Essas elevações decorreram basicamente da continuidade de atrasos registrados no âmbito das financeiras, cartões de crédito e empresas não financeiras, que detêm participação de 36% no indicador geral. Assim como em meses anteriores, os demais componentes do indicador registraram recuos nas duas bases de comparação mencionadas.

Os principais indicadores destinados a avaliar as expectativas dos consumidores seguem em patamar elevado. Considerados dados dessazonalizados, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da Fundação Getulio Vargas (FGV), registrou elevação mensal de 2,7% em novembro, nono resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação, atingindo 125,4 pontos, maior valor da série histórica iniciada em setembro de 2005. O componente Índice da Situação Atual (ISA) cresceu 4,5% no período, registrando o recorde de 147,5 pontos, enquanto o Índice de Expectativas (IE) elevou-se 1,5%, para 113,6 pontos,

patamar 5,3 pontos inferior ao recorde da série, registrado em dezembro de 2007.

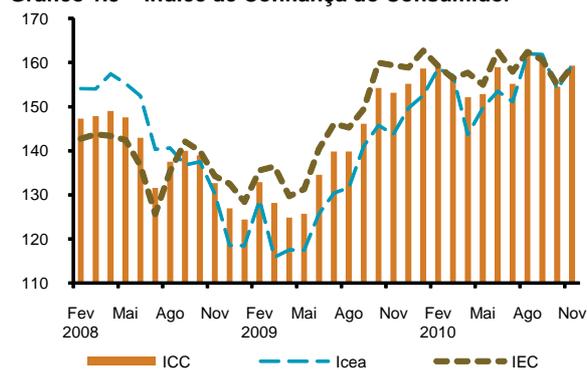
O Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela *Ipsos Public Affairs* para a ACSP, totalizou 159 pontos em novembro, recorde da série iniciada em abril de 2005, assinalando crescimentos de 4,6% no mês e de 15,2% em doze meses. O resultado mensal evidenciou os aumentos registrados nas regiões Sul, 21,3%, e Sudeste, 6,2%, e as retrações observadas no Norte/Centro-Oeste, 8,2%, e no Nordeste, 4,6%.

O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), divulgado mensalmente a partir de março de 2010, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), atingiu 119,1 pontos em novembro, recuando 1,3% em relação a outubro, com ênfase nas retrações registradas nas expectativas dos consumidores em relação à inflação e ao desemprego. Vale destacar que todos os componentes do Inec encontram-se em níveis historicamente elevados.

O ICC, divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP) e restrito ao município de São Paulo, atingiu 159,3 pontos em novembro, elevando-se 3,1% no mês e 4% em doze meses. O índice de Condições Econômicas Atuais (Icea) atingiu 159,5 pontos, e o Índice de Expectativas do Consumidor (IEC), 159,2 pontos. O Índice de Expectativas do Consumidor (IEC) calculado pela Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ) para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, atingiu o recorde de 124,8 pontos em outubro, elevando-se 0,6% em relação ao mês anterior, quinta alta consecutiva nessa base de comparação, e 3,2% em doze meses.

Outro indicador calculado pela Fecomércio-RJ, o ICC, através de pesquisa realizada no Estado do Rio de Janeiro com aproximadamente 2.450 comerciantes distribuídos por 26 setores, aponta, assim como nas pesquisas direcionadas aos consumidores, otimismo elevado dos comerciantes fluminenses. Nesse sentido o ICC atingiu, em outubro, o recorde da série histórica iniciada em julho de 2003, assinalando crescimentos de 4,2% em relação ao mês anterior e de 1% em doze meses.

**Gráfico 1.5 – Índice de Confiança do Consumidor**



Fonte: Fecomercio SP

**Tabela 1.2 – Produção industrial**

Trimestre/trimestre anterior<sup>1/</sup>

Discriminação	2010			
	Jul	Ago	Set	Out
Indústria geral	-0,3	-1,3	-0,4	0,0
Por seção				
Indústria extrativa	1,0	1,1	2,4	3,0
Indústria de transformação	-0,7	-1,8	-0,9	-0,7
Por categoria de uso				
Bens de capital	1,5	-1,2	-2,2	-2,4
Bens intermediários	0,6	-0,5	-0,7	-1,3
Bens de consumo	-1,4	-2,0	-0,4	0,2
Duráveis	-2,0	-2,8	-1,6	-0,2
Semi e não duráveis	-1,7	-1,8	-0,5	0,1

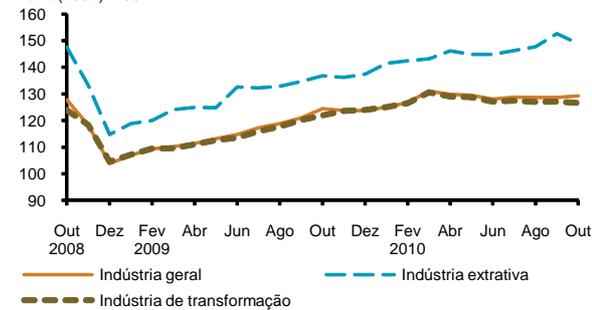
Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

**Gráfico 1.6 – Produção industrial<sup>1/</sup>**

Indústria geral e seções

Média(2002)=100

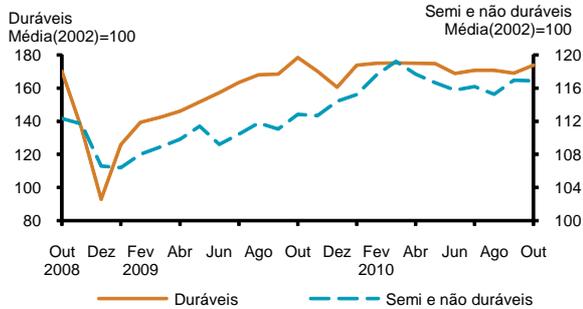


Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

**Gráfico 1.7 – Produção industrial<sup>1/</sup>**

Bens de consumo

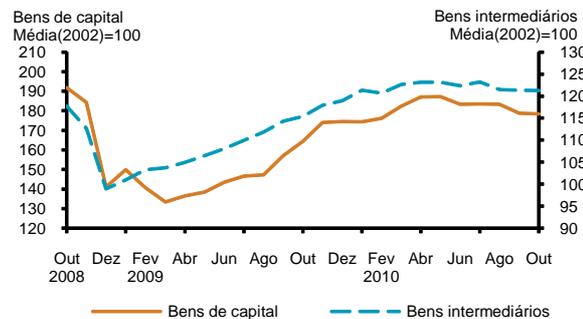


Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

**Gráfico 1.8 – Produção industrial<sup>1/</sup>**

Bens de capital e intermediários



Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

1/ Valores acima de 100 pontos indicam sentimento de otimismo.

## 1.2 Produção

### Produção industrial

A produção física da indústria apresentou estabilidade no trimestre encerrado em outubro, em relação ao finalizado em julho, quando havia recuado 0,3%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. A indústria extrativa cresceu 3%, e a de transformação recuou 0,7%, registrando-se retrações trimestrais expressivas nos segmentos material eletrônico e equipamentos de comunicação, 14,5%; máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 6,5%; e metalurgia básica, 6,1%, e crescimentos acentuados nas indústrias de edição, impressão e reprodução, 8%; e de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, 6,5%.

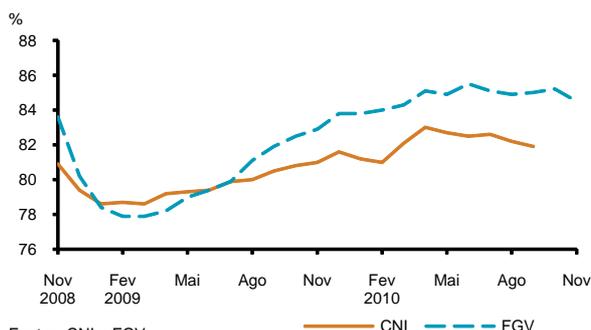
A análise por categorias de uso revela que a produção de bens de capital, impactada pelas reduções nos segmentos de bens de capital de uso misto, 6,9%, e para fins industriais seriados, 1,9%, registrou recuo trimestral de 2,4%. No mesmo período, as indústrias de bens intermediários, de bens de consumo duráveis e de bens de consumo semi e não duráveis experimentaram variações respectivas de -1,3%, -0,2% e 0,1%.

O índice de pessoal ocupado assalariado, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes) do IBGE, aumentou 0,4% no trimestre encerrado em outubro, em relação ao finalizado em julho, quando havia crescido 1,4%, no mesmo tipo de comparação. A combinação desse resultado com a estabilidade da produção física resultou em redução de 0,4% na produtividade do trabalhador industrial.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria de transformação atingiu 84,5% em novembro, recuando 0,7 p.p. no mês, de acordo com dados dessazonalizados da Sondagem da Indústria de Transformação (SIT) da FGV. Consideradas médias trimestrais, o indicador atingiu 84,9% em novembro, ante 84,6% em agosto, registrando-se redução de 1,3 p.p. na indústria de material de construção e aumentos nas relativas a bens de capital, 0,9 p.p.; bens de consumo, 0,5 p.p.; e bens intermediários, 0,1 p.p.

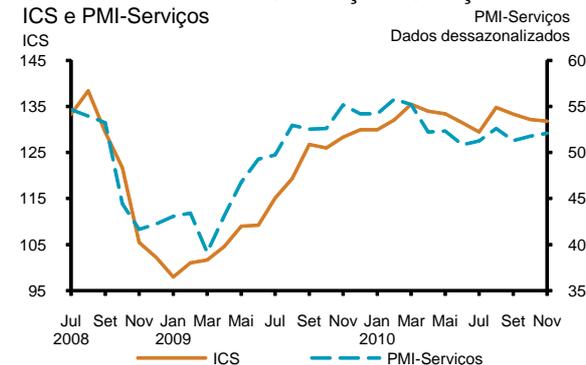
O Índice de Confiança da Indústria<sup>1</sup> (ICI), considerados dados dessazonalizados da FGV, atingiu

**Gráfico 1.9 – Utilização da capacidade instalada**  
Indústria de transformação



Fontes: CNI e FGV  
1/ Séries com ajuste sazonal.

**Gráfico 1.10 – Índice de Confiança de Serviços**  
ICS e PMI-Serviços



Fontes: FGV e HSBC/Markit

**Gráfico 1.11 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central**  
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

112,7 pontos em novembro, menor nível dos últimos doze meses, recuando 0,2 ponto em relação a agosto. Embora todos os componentes do indicador se encontrem em patamar de otimismo, o período registrou retrações significativas na avaliação da situação atual dos negócios, 5,3 pontos, e para os próximos seis meses, 6 pontos. A melhora trimestral mais expressiva foi assinalada na avaliação das expectativas da produção física, 6,2 pontos. O Índice Gerente de Compras<sup>2</sup> (PMI), considerada a série dessazonalizada calculada pela Markit, atingiu 49,9 pontos em novembro.

## Serviços

A confiança do empresariado do setor de serviços segue em patamar elevado, expresso pela evolução do Índice de Confiança de Serviços (ICS), que atingiu 132,2 pontos em outubro, ante 133,3 pontos em setembro e 126 pontos em igual mês de 2009. A evolução mensal do ICS refletiu a elevação de 3,7% registrada no Índice da Situação Atual – Serviços (ISA-S) e o recuo de 4,6% experimentado pelo componente Índice de Expectativas – Serviços (IE-S), enquanto o crescimento de 4,9% registrado em doze meses decorreu do aumento de 13,3% no ISA-S e do recuo de 1,6% no IE-S.

O PMI-Serviços<sup>3</sup>, calculado pela Markit e divulgado pelo *HSBC Bank Brasil* (HSBC), atingiu 52,1 pontos em novembro, ante 51,8 pontos em outubro e 51,3 pontos em setembro, considerados dados dessazonalizados. O indicador, sem ajuste sazonal, alcançou 52,7 pontos em novembro, ante 56,5 pontos em novembro de 2009 e indica elevação da atividade no setor, porém em ritmo menos intenso do que no mesmo período do ano anterior.

## Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) registrou crescimento de 0,9% no trimestre encerrado em outubro, em relação ao finalizado em julho, quando se elevava 0,5%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A análise mensal indica a retomada do crescimento da

2/ O PMI sintetiza a evolução mensal dos indicadores de novos pedidos, produção, emprego, prazo de entrega e estoque de insumos. Valores superiores a 50 representam expansão mensal da atividade.

3/ O indicador é construído baseado em respostas mensais enviadas por executivos de cerca de quatrocentos empresas privadas do setor de serviços, com painel selecionado de forma a replicar a real estrutura do setor, cobrindo as atividades de transporte e comunicação, intermediação financeira, serviços empresariais, serviços pessoais, informática e tecnologia da informação e hotéis e restaurantes. Valores acima de 50 representam crescimento da atividade.

atividade em setembro, após quatro meses de relativa estabilidade, ressaltando-se que esse movimento, embora inferior ao registrado nos primeiros meses do ano, mostra-se compatível com a estimativa de crescimento de 7,3% para o PIB em 2010.

## 1.3 Mercado de trabalho

### Emprego

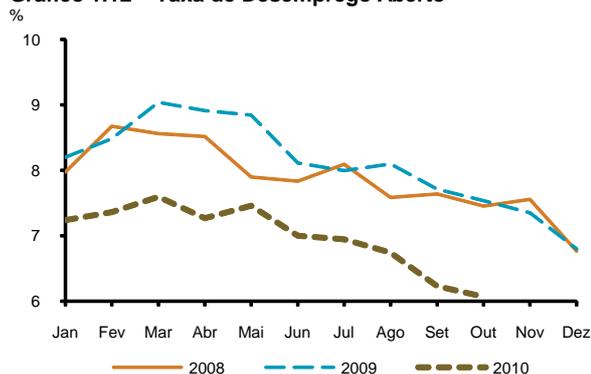
A taxa de desemprego, considerada a Pesquisa Mensal do Emprego (PME), realizada pelo IBGE nas seis principais regiões metropolitanas do país, atingiu 6,1% em outubro, menor valor da série iniciada em março de 2002, recuando 0,1 p.p. em relação a setembro e 1,4 p.p. em doze meses. A análise de dados dessazonalizados revela que a taxa de desemprego atingiu, em média, 6,4% no trimestre encerrado em outubro, ante 6,9% naquele finalizado em julho, resultado da estabilidade da População Economicamente Ativa (PEA) e da elevação de 0,5% no número de ocupados.

De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), foram gerados 2.406,2 mil postos de trabalho formais nos dez primeiros meses do ano, maior resultado para o período, desde o início da série, em 1985. Ressaltem-se, no período, as contratações líquidas registradas no setor de serviços, 860,3 mil; na indústria de transformação, 647,2 mil; no comércio, 373,9 mil; e na construção civil, 341,6 mil.

### Rendimentos

Segundo a PME, o rendimento médio real habitualmente recebido do trabalho principal, nas seis principais regiões metropolitanas, aumentou 6,1% no trimestre encerrado em outubro, em relação a igual período de 2009, registrando-se ganhos reais respectivos de 10,9% e 3,2% nos segmentos de empregados do setor privado sem carteira e com carteira assinada. Entre os principais setores de atividade, os maiores ganhos foram observados nos serviços domésticos, 9,1%, e na construção civil, 8,8%. A massa salarial real, produto do número de ocupados pelo rendimento médio real habitual, cresceu 9,9% no período.

**Gráfico 1.12 – Taxa de Desemprego Aberto**



Fonte: IBGE

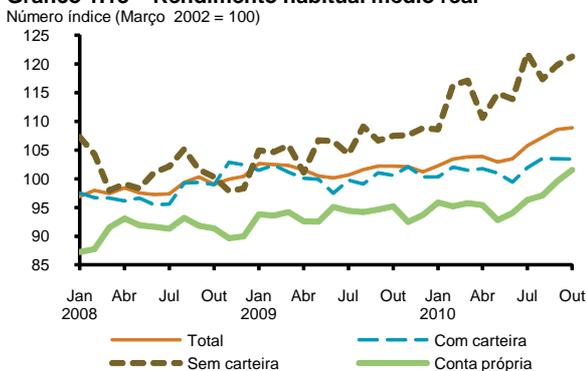
**Tabela 1.3 – Evolução do emprego formal**

Discriminação	Novos postos de trabalho – Acumulado no período (em mil)			
	2009 No ano	2010		
		1º Sem.	3º Trim.	Out
Total	995,1	1 473,3	728,1	2 406,2
Indústria de transformação	10,9	394,1	206,1	647,2
Comércio	297,2	144,1	148,4	373,9
Serviços	500,2	490,0	284,0	860,3
Construção civil	177,2	230,0	100,2	341,6
Agropecuária	-13,6	175,1	-26,4	124,0
Serviços ind. de util. pública	5,0	9,9	4,9	16,1
Outros <sup>1/</sup>	18,3	30,1	10,8	43,1

Fonte: MTE

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 1.13 – Rendimento habitual médio real**



Fonte: IBGE

## Desemprego Aberto no Brasil: contribuições da oferta e da demanda por trabalho

A Taxa de Desemprego Aberto (TDA)<sup>1</sup> vem registrando trajetória decrescente desde meados de 2004, em resposta ao ciclo de expansão econômica experimentado pela economia brasileira a partir do final de 2003. Esse processo, arrefecido no período que sucedeu a intensificação da crise financeira internacional, pode ser visualizado no Gráfico 1, que mostra a trajetória da TDA a partir de janeiro de 1991, consideradas as séries dessazonalizadas das metodologias antiga, atual e atual ajustada populacionalmente<sup>2</sup>.

As séries evidenciam tendência de elevação da TDA, em especial, na década de 90, e reversão desse processo na década atual. Conforme esperado, nota-se boa aderência entre a evolução das TDAs calculadas segundo as metodologias atual e atual ajustada populacionalmente.

**Gráfico 1 – Taxa de Desemprego Aberto**

Dados dessazonalizados



1/ Indicador divulgado na Pesquisa Mensal de Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME/IBGE), abrangendo os setores formal e informal das regiões metropolitanas do Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

2/ A metodologia de cálculo da taxa de desemprego aberto foi modificada a partir do início de 2002, sendo que a série consoante a metodologia antiga encontra-se disponível até o início de 2003. Tendo em vista que uma das alterações introduzidas na metodologia atual consistiu na incorporação de indivíduos de 10 a 14 anos de idade na população objeto da pesquisa, foi criada uma série alternativa – denominada metodologia atual ajustada populacionalmente – que considera, no cálculo, a partir da metodologia atual, somente a população de indivíduos com idade igual ou superior a 15 anos, conforme a metodologia antiga.

O comportamento da TDA pode ser mais bem compreendido a partir da segmentação dos impactos das contribuições das evoluções da demanda por trabalho, correspondente ao nível de emprego, e da oferta de trabalho, correspondente à força de trabalho. O exercício utiliza a série atual e decompõe a variação da TDA em dois componentes: (i) efeito oferta de trabalho, compreendido como o impacto exercido sobre a TDA pela variação da População Economicamente Ativa (PEA), mantida a população ocupada (PO) constante; (ii) efeito demanda por trabalho, definido como a contribuição para a variação da TDA decorrente de alterações na PO, com a PEA inalterada.

Considerando,

$$u_t = \frac{PEA_t - PO_t}{PEA_t};$$

$$o_t = \frac{PO_t}{PEA_t};$$

$$s_t = \frac{PEA_t}{PEA_{t-1}};$$

$$d_t = \frac{PO_t}{PO_{t-1}};$$

Onde:

u = taxa de desemprego aberto;

o = taxa de ocupação;

s = taxa de crescimento da PEA; e

d = taxa de crescimento da PO.

A decomposição da TDA pode ser expressa por:

$$\Delta u_t = \Delta s_t - \Delta d_t + r_t$$

$$\Delta u_t = \underbrace{o_{t-1} \left( \frac{s_t - 1}{s_t} \right)}_{\text{var oferta de trabalho}} - \underbrace{o_{t-1} (d_t - 1)}_{\text{var demanda por trabalho}} + \underbrace{o_{t-1} \left( \frac{s_t d_t - s_t - d_t + 1}{s_t} \right)}_{\text{var residual}}$$

A Tabela 1 registra variações anuais da TDA, em pontos percentuais, para cinco períodos. No primeiro, de novembro de 2003 a agosto de 2005, a retração média anualizada da TDA atingiu 1,97 p.p., com ênfase no impacto de 2,89 p.p. inerente à expansão da demanda por mão de obra.

**Tabela 1 – Decomposição das variações anualizadas da Taxa de Desemprego Aberto**

Conjuntura	Período	$\Delta u$	$\Delta s$	$\Delta d$	$r$	p.p.
Tendência declinante	Nov/2003-ago/2005	-1,97	0,86	2,89	0,06	
Euforia trabalhista	Set/2005-jul/2006	1,41	3,10	1,68	-0,01	
Tendência declinante	Ago/2006-ago/2008	-1,36	1,47	2,86	0,04	
Crise internacional	Set/2008-mai/2009	1,49	1,54	0,05	0,01	
Tendência declinante	Jun/2009-out/2010	-1,58	1,62	3,26	0,06	

O segundo período considerado, de setembro de 2005 a julho de 2006, caracteriza-se pela reversão do movimento decrescente da TDA, alteração associada, fundamentalmente, à expressiva expansão anualizada de 3,1 p.p. registrada na oferta de trabalho. Isso refletiu, em grande parte, os estímulos da elevação dos rendimentos do fator trabalho, conforme abordado no boxe Evolução Recente do Emprego e Desemprego: regiões metropolitanas e interior divulgado no Relatório de Inflação de setembro de 2006. No mesmo sentido, no período compreendido de setembro de 2008 a maio de 2009, quando os efeitos da crise financeira internacional foram mais intensos, a TDA registrou aumento médio anualizado de 1,5 p.p., ressaltando-se a inexpressiva expansão de 0,05 p.p. na demanda por trabalho.

O terceiro período, de agosto de 2006 a agosto de 2008, e o quinto período, de junho de 2009 a outubro de 2010, caracterizam-se pela retração da TDA, registrando-se, em ambos, taxas médias de expansão importantes na demanda e na oferta de mão de obra, com predomínio da primeira.

Em linhas gerais, a oferta de trabalho, na medida em que traduz a expansão da PEA, cresceu em todos os períodos analisados e, assim, contribuiu para elevação da TDA, ressaltando-se o impacto mais intenso no período “euforia trabalhista”, em virtude do estímulo proporcionado pela elevação dos ganhos salariais, naquele período (efeito alento). Por sua vez, as contribuições da demanda por trabalho para redução da TDA foram recorrentes, excetuando-se o período “crise internacional”.

Vale enfatizar que a continuidade do atual processo de crescimento econômico tende a aumentar a demanda por trabalho, com possíveis desdobramentos sobre os níveis da TDA. Em contrapartida, a eventual existência de desemprego oculto tende a favorecer o aumento da oferta de trabalho, um processo que seria estimulado pelos investimentos em capital humano e pelos incentivos representados pelas elevações nas remunerações e pelas formalizações.

**Tabela 1.4 – Produto Interno Bruto**

Acumulado no ano

Discriminação	Variação %				
	2009		2010		
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
Agropecuária	-5,3	-4,6	5,4	8,1	7,8
Indústria	-9,8	-6,4	15,1	14,5	12,3
Extrativa mineral	-3,4	-1,1	14,7	15,6	16,0
Transformação	-12,4	-8,2	17,3	15,6	12,5
Construção civil	-9,2	-6,3	15,1	15,9	13,6
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-3,6	-2,6	8,4	9,2	8,8
Serviços	1,1	2,2	6,2	6,1	5,7
Comércio	-4,9	-1,8	15,3	13,6	12,0
Transporte, armazenagem e correio	-5,0	-2,5	12,5	11,8	10,3
Serviços de informação	4,8	3,8	2,9	3,2	3,5
Intermediação financeira, seguros, previdência com- plementar e serviços relativos	6,0	7,1	9,6	9,9	10,4
Outros serviços	2,8	3,5	3,4	3,8	3,5
Atividades imobiliárias e aluguel	1,5	1,9	1,6	1,7	1,6
Administração, saúde e educação públicas	3,1	3,3	2,5	2,7	2,6
Valor adic. a preços básicos	-2,4	-0,6	8,4	8,4	7,5
Impostos sobre produtos	-3,3	-0,9	14,7	14,0	13,3
PIB a preços de mercado	-2,5	-0,6	9,3	9,2	8,4

Fonte: IBGE

**Tabela 1.5 – Produto Interno Bruto – Ótica da demanda**

Acumulado no ano

Discriminação	Variação %				
	2009		2010		
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
PIB a preços de mercado	-2,5	-0,6	9,3	9,2	8,4
Consumo das famílias	3,2	4,2	8,4	7,4	6,9
Consumo do governo	2,9	3,9	2,7	4,2	4,1
Formação Bruta de					
Capital Fixo	-15,3	-10,3	28,4	28,2	25,6
Exportação	-11,9	-10,2	14,7	10,6	10,8
Importação	-16,3	-11,5	39,6	39,2	39,8

Fonte: IBGE

## 1.4 Produto Interno Bruto

De acordo com as Contas Nacionais Trimestrais, do IBGE, o PIB aumentou 6,7% no terceiro trimestre de 2010, em relação a igual período do ano anterior, ante, na mesma base comparação, elevações respectivas de 9,3% e 9,2% nos trimestres finalizados em março e em junho.

Considerada a ótica da oferta, a agropecuária cresceu 7% no período, ante 10,4% no trimestre encerrado em junho, resultado associado ao desempenho modesto das safras com maior peso no terceiro trimestre, como feijão, mandioca e laranja. O setor industrial cresceu 8,3%, ante 14,1% no segundo trimestre do ano, com destaque para as desacelerações nas taxas de crescimento das indústrias de transformação, de 14,1% para 7,1%, e da construção civil, de 16,6% para 9,6%. A expansão do setor de serviços recuou 1,1 p.p., para 4,9%, evolução que, em parte, reflete o impacto do desempenho da agropecuária e da indústria sobre os segmentos comércio e transportes.

Pela ótica da demanda, a taxa de crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), embora desacelerasse 6,9 p.p., atingiu 21,2% no trimestre. O consumo das famílias e o consumo do governo cresceram 5,9% e 4,1%, respectivamente, ante expansões de 6,4% e 5,6% no trimestre finalizado em junho, enquanto as exportações e as importações assinalaram elevações respectivas de 11,3% e 40,9%. Nesse cenário, a demanda doméstica e o setor externo exerceram contribuições de 10,1 p.p. e -3,4 p.p. para o crescimento de 6,7% registrado pelo PIB, no terceiro trimestre de 2010.

O PIB cresceu 0,5% em relação ao segundo trimestre, quando havia expandido 1,8%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A desaceleração registrada na margem refletiu os recuos respectivos de 1,5% e 1,3% observados na agropecuária e na indústria e o aumento de 1% no setor de serviços, comparativamente a variações de 2,1%, 2% e 1,2% no trimestre encerrado em junho. O resultado negativo da agropecuária esteve vinculado, em parte, à base de comparação elevada no segundo trimestre, quando se registrou bom desempenho da safra de soja, enquanto a perda de dinamismo do setor industrial no terceiro trimestre evidenciou a retração da indústria de transformação. A análise por componentes da demanda doméstica revela aumentos do consumo das famílias, 1,6%, e da FBCF, 3,9%, e estabilidade no consumo no governo, enquanto, no

## Estimativas para o PIB: 2010 e 2011

---

A estimativa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) para 2010 permanece em 7,3%, a mesma divulgada nos dois últimos Relatórios de Inflação. Foram introduzidos ajustes, na margem, nas taxas de crescimento dos componentes da oferta e da demanda, consistentes com a revisão dos resultados relativos a 2009, os dados ocorridos nos três primeiros trimestres de 2010 e as perspectivas para o restante deste ano.

O crescimento da agropecuária deverá atingir 7,5%, elevando-se 1,5 p.p. ante a estimativa do último relatório, ressaltando-se o impacto do aumento de 7,8% do setor, até o terceiro trimestre. Note-se, além disso, os ajustes favoráveis nas estimativas do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para as safras de importantes culturas em 2010, a exemplo do café, de 14,8% para 18,6%, trigo, de 8,1% para 15,3%, e cana-de-açúcar, de 1,4% para 6%.

A indústria deverá crescer 10,2%, projeção 0,8 p.p. inferior à realizada em setembro, refletindo a revisão de 11% para 9,8% para a expansão da indústria de transformação, motivada tanto pelos resultados apresentados até outubro, quanto pelas perspectivas para o restante do ano.

Para o setor de serviços, projeta-se alta de 5,4%, ante 5,2%, incorporando o aumento de 2,1 p.p. na estimativa de crescimento do segmento intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos, em virtude do desempenho apresentado pelo setor até o terceiro trimestre, beneficiado pela forte expansão

**Tabela 1 – Produto Interno Bruto**

Acumulado no ano

Discriminação	Variação %					
	2009		2010		2011	
	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri <sup>1/</sup>	IV Tri <sup>1/</sup>
Agropecuária	-4,6	5,4	8,1	7,8	7,5	0,5
Indústria	-6,4	15,1	14,5	12,3	10,2	5,4
Extrativa mineral	-1,1	14,7	15,6	16,0	14,6	7,8
Transformação	-8,2	17,3	15,6	12,5	9,8	4,9
Construção civil	-6,3	15,1	15,9	13,6	11,5	6,6
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-2,6	8,4	9,2	8,8	8,0	5,2
Serviços	2,2	6,2	6,1	5,7	5,4	4,2
Comércio	-1,8	15,3	13,6	12,0	10,3	5,0
Transporte, armazenagem e correio	-2,5	12,5	11,8	10,3	8,8	5,2
Serviços de informação	3,8	2,9	3,2	3,5	4,1	7,9
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	7,1	9,6	9,9	10,4	10,4	6,1
Outros serviços	3,5	3,4	3,8	3,5	3,5	4,9
Atividades imobiliárias e aluguel	1,9	1,6	1,7	1,6	1,5	2,3
Administração, saúde e educação públicas	3,3	2,5	2,7	2,6	2,6	2,2
Valor adic. a preços básicos	-0,6	8,4	8,4	7,5	6,7	4,3
Impostos sobre produtos	-0,9	14,7	14,0	13,3	11,3	5,2
PIB a preços de mercado	-0,6	9,3	9,2	8,4	7,3	4,5

Fonte: IBGE e Banco Central

1/ Estimativa.

do crédito. É plausível afirmar que as medidas macroprudenciais recentemente anunciadas deverão impactar o segmento ao longo de 2011.

Pela ótica da demanda, destaca-se o aumento de 3,4 p.p. na estimativa de crescimento para a formação bruta de capital fixo, que deverá alcançar 20,9% em 2010, devido ao desempenho dos investimentos no terceiro trimestre, superior ao projetado anteriormente. Dessa forma, estima-se a contribuição da demanda doméstica em 10,1 p.p. do crescimento anual do PIB em 2010, ante 9,8 p.p. na estimativa anterior, contrastando como o impacto negativo de 2,7 p.p. exercido pelo setor externo.

### Primeira estimativa para o PIB de 2011

A estimativa para o crescimento do PIB em 2011 atinge 4,5%, sustentada pelo desempenho da demanda doméstica. Assim como em 2010, projeta-se expansão generalizada para todos os setores da economia.

A agropecuária deverá crescer 0,5%, evolução consistente com a perspectiva de recuo anual de 2,5% para a safra de grãos, de acordo com o prognóstico realizado pelo IBGE, com colaboração da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), compensada pela expansão nas demais culturas e na produção da pecuária, esta favorecida pela expansão do mercado e pelos preços atrativos.

Para o setor industrial, projeta-se expansão de 5,4%, com destaque para a elevação de 7,8% na indústria extrativa mineral, impulsionada, especialmente, pela ampliação da produção de petróleo. A indústria da construção civil deverá crescer 6,6%, favorecida pela continuidade das obras governamentais, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e da continuidade de expansão do crédito imobiliário. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água deverá aumentar 5,2% no ano, e a indústria de transformação, 4,9%.

Para o setor de serviços, a previsão é de crescimento de 4,2%, ressaltando-se as projeções de crescimento para os serviços de informação, 7,9%, favorecida, principalmente, pelo maior acesso

das classes “D” e “E” aos serviços de telefonia móvel e internet; intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos, 6,1%, taxa inferior às registradas nos últimos cinco anos, refletindo em parte os efeitos das medidas macroprudenciais sobre o crédito; transporte, armazenagem e correio, 5,2%; e comércio, 5%, os dois últimos influenciados diretamente pelo desempenho das atividades agropecuária e industrial. Entre os demais setores, ressaltam-se as projeções relacionadas a outros serviços, 4,9%; imobiliárias e aluguel, 2,3%; e administração, saúde e educação, 2,2%.

**Tabela 2 – Produto Interno Bruto – Ótica da demanda**

Acumulado no ano

Discriminação	Variação %					
	2009	2010				2011
	IV Tr1	I Tr1	II Tr1	III Tr1	IV Tr1 <sup>1/</sup>	IV Tr1 <sup>1/</sup>
PIB a preços de mercado	-0,6	9,3	9,2	8,4	7,3	4,5
Consumo das famílias	4,2	8,4	7,4	6,9	6,8	4,8
Consumo do governo	3,9	2,7	4,2	4,1	3,9	2,4
Formação Bruta de						
Capital Fixo	-10,3	28,4	28,2	25,6	20,9	7,4
Exportação	-10,2	14,7	10,6	10,8	10,3	8,3
Importação	-11,5	39,6	39,2	39,8	34,3	11,9

Fonte: IBGE e Banco Central

1/ Estimativa.

Em relação aos indicadores da demanda, projetam-se aumentos respectivos de 4,8% e 2,4% para o consumo das famílias e do governo, enquanto a formação bruta de capital fixo deverá aumentar 7,4%. A evolução da demanda interna deverá seguir refletindo a evolução favorável dos mercados de crédito e de trabalho, de forma que a sua contribuição para o crescimento do PIB em 2011 é estimada em 4,9 p.p.

As exportações e as importações de bens e serviços deverão aumentar, respectivamente, 8,3% e 11,9%, em 2011. Essa trajetória, embora implique contribuição negativa de 0,4 p.p. do setor externo para o PIB em 2011, constitui-se em fator relevante para o equilíbrio entre oferta e demanda agregadas.

âmbito do setor externo ocorreram elevações de 2,4% nas exportações e de 7,4% nas importações.

O PIB registrou crescimento de 8,4% nos três primeiros trimestres do ano, evolução consistente com a projeção de crescimento anual de 7,3% para o agregado em 2010. A primeira projeção para o PIB em 2011, detalhada em boxe específico neste relatório, alcança 4,5%.

## 1.5 Investimentos

A FBCF, definida como os investimentos menos as variações de estoque, cresceu 21,2% no terceiro trimestre, em relação ao período correspondente de 2009, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais, ante, no mesmo tipo de comparação, expansões respectivas de 28,4% e 28,1% nos trimestres encerrados em junho e em março. Na margem, a FBCF aumentou 3,9% em relação ao segundo trimestre do ano. Essa é a sexta variação positiva consecutiva.

A produção dos insumos da construção civil cresceu 9,7% no terceiro trimestre, em relação a igual intervalo de 2009, enquanto a absorção de bens de capital, evidenciando aumentos respectivos de 21,2%, 75,8% e 27,3% na produção, exportações e nas importações desses bens, elevou-se 34%. A segmentação da produção de bens de capital revelou crescimento generalizado no trimestre, ressaltando-se os aumentos nas indústrias de bens destinados à construção civil, 92,1%; ao setor agrícola, 44,7%; de equipamentos de transporte, 35,4%; e de bens industriais seriados, 24,2%, segundo o IBGE.

De acordo com estatísticas relativas a outubro, a produção de insumos da construção civil e a absorção de bens de capital registraram elevações respectivas de 5,2% e 9,6% em relação a igual mês de 2009. Mantida a base de comparação, as produções de ônibus, caminhões e de máquinas agrícolas aumentaram 32,1%, 24,6% e 16,3%, respectivamente, de acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Os desembolsos do sistema BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$140,9 bilhões nos dez primeiros meses do ano, elevando-se 32,3% em relação a igual período de 2009. Os recursos destinados à agropecuária, à indústria de transformação e ao setor comércio e serviços aumentaram,

**Tabela 1.6 – Produto Interno Bruto**

Trimestre ante trimestre imediatamente anterior

Dados dessazonalizados

Discriminação	Variação %				
	2009		2010		
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
PIB a preços de mercado	2,6	2,1	2,3	1,8	0,5
Agropecuária	0,3	3,8	3,2	2,1	-1,5
Indústria	3,8	3,9	3,6	2,0	-1,3
Serviços	2,0	1,2	1,5	1,2	1,0
Consumo das famílias	2,1	1,7	1,6	0,9	1,6
Consumo do governo	1,1	2,1	0,0	1,9	0,0
Formação Bruta de					
Capital Fixo	10,1	7,5	4,0	4,3	3,9
Exportação	-1,5	1,4	6,9	0,1	2,4
Importação	5,6	14,1	8,8	5,8	7,4

Fonte: IBGE

**Tabela 1.7 – Produção industrial**

Variação % sobre mesmo período do ano anterior

Discriminação	2010			
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	Out
Insumos da construção civil	15,4	17,2	9,7	5,2
Bens de capital	25,9	33,2	21,2	6,0
Tipicamente industrializados	23,7	33,4	20,6	25,3
Agrícolas	43,0	59,6	44,7	19,4
Peças agrícolas	21,3	6,7	3,0	17,6
Construção	212,4	169,1	92,1	29,0
Energia elétrica	-3,3	0,9	2,4	-25,3
Equipamentos de transporte	19,4	33,2	35,4	15,8
Misto	30,0	31,0	5,1	-6,5

Fonte: IBGE

na ordem, 50,4%, 35,8% e 29,6%, enquanto os direcionados à indústria extrativa recuaram 39,6%.

## 1.6 Conclusão

Como esperado, a economia brasileira registrou, no terceiro trimestre de 2010, certo arrefecimento, em especial, no setor industrial. Por outro lado, a evolução favorável do mercado de trabalho e do crédito seguiu impulsionando o consumo das famílias, enquanto as expectativas favoráveis dos empresários em relação à continuidade do crescimento da economia e o aumento da renda agrícola deverão assegurar a sustentabilidade do atual ciclo de investimentos.